



Propriedade da Empresa do "Barcellos-Revista,,"

DIRECTOR : EDUARDO LARCHER MARÇAL.

COMP. E IMP. CENTRO DE NOVIDADES--BARCELLOS

## O DEVER DE EDUCAR

### I

A nossa critica ás condições em que se encontra o paiz. — Um exame de consciencia. — Efficacia das Revoluções. — Os homens do Terror funcionarios do Imperio. — O lyrismo de Lamartine e Napoleão o pequenô. — A acção das Revoluções, sendo muitas vezes necessaria, é de per si incompleta. — A força da educação. — O Dever de educar, como um dever geral. — De como cada um o pode realizar. — Um livro modelo para as Mães. — Almas novas para uma patria nova.

**T**odos nós criticamos, ás vezes com a maior violencia e a maior severidade, o nosso desgraçado paiz: a fraqueza da sua vida economica, a immoralidade da sua politica, a falta de character dos seus homens.

E no emtanto faça cada um de nós um serio exame de consciencia, sobretudo cada um de nós que não exerceu funcções de governo, mas que censura os outros por governarem mal; cada um de nós que não tem uma fortuna que lhe permita praticar actos de grande benemerencia e que censura os que a possuem, por os não praticarem.

Perguntem a si proprios aquelles mesmos

que não têm a auctoridade do mando ou a força do dinheiro, o que têm feito para bem da sua patria, para transformarem a sua defeitosa economia social.

Poucos poderão dizer, com verdade e convicção, que fizeram alguma coisa de bom, de solido, de efficaz, em favor da nossa mudança de vida e de costumes.

E no emtanto essa mudança, para ser duravel e profunda, não pode realizar-se senão vagarosamente e pelo esforço de todos.

As revoluções, por mais justas, mais oportunas e mais violentas, só tocam pela epiderme o corpo social.

A Revolução franceza proclamou a grandes brados a ideia da Liberdade, ergueu-a sobre as ruinas de uma sociedade que se julgava velha e morta.

No emtanto poucos annos depois a França cahia, sob o despotismo de ferro de Napoleão, e os altivos e ferozes democratas do Terror, eram os submissos e decorativos funcionarios do Imperio.

Em seguida passando dos Bourbons, para a monarchia liberal, para a tentativa socialista e para a Republica, a França dos largos principios de liberdade, proclamados pelo lyrismo entusiasta de Lamartine, vae atraz do falso prestigio de um nome e cahe consoladamente sob o auctoritarismo estreito e oppressivo de Napoleão, o pequeno.

E' que a nação mudara de etiquetas, de fardas, de nomes, mas os homens eram qua-

si os mesmos. E estou em dizer que a gloriosa obra de *Jean Macé*, em favor da instrução democratica, valeu mais para revolucionar a França que uma grande parte das suas revoluções.

E quem não reconhece ainda hoje na centralisação apertada, na submissão partidaria, na imprevidencia administrativa, no descalabro financeiro, na mania burocratica, na falta de iniciativa social e em tantas outras coisas, os vicios do nosso velho absolutismo, de que nos separam no emtanto, tantas revoluções sangrentas?

As revoluções são muitas vezes necessarias, e fataes em certos momentos de crise social.

São mesmo indispensaveis para quebrar velhos processos resistentes a uma evolução pacifica e para permittir a acção de novos elementos, de novos processos de vida social. Mas de per si são insufficientes, se a sua obra demolidora se não completa, com uma acção constructiva.

Esta acção é impossivel sem homens novos, preparados por uma educação nova e durante algumas gerações, para crearem um meio social novo.

E assim toda a obra de transformação social profunda, é essencialmente producto de uma educação lenta e progressiva.

Por isso a par, ia a dizer acima da acção politica que aqui não discuto, está entre nós a acção educativa, que a todos, que sinceramente queiram trabalhar pelo bem da patria, incumbem.

Podem dizer-me alguns: mas nós não temos dinheiro para construir e dotar escolas, tempo ou competencia para as dirigir! E depois esse problema da educação é tão vasto e tão complexo que o nosso simples esforço nada valeria.

E' um engano; nem todos podem é certo construir, dotar ou dirigir escolas, nem to-

dos podem ser mestres em pedagogia ou pretender operar grandes reformas na educação collectiva.

Mas por não podermos fazer os grandes esforços, não deixemos de empregar o pouco de força que tenhamos; pequenas alluviões accumuladas, que a corrente de um rio traz de toda a parte, formam grandes planicies, conquistadas ao mar.

Todos se podem interessar pelas escolas da sua terra, e todos em grau variavel podem: contribuir para melhorar a condição dos seus alumnos, colaborar com o professor em todas as suas boas iniciativas, ainda que não seja senão com o seu apoio moral, facilitar a melhoria de ensino, de installação, de assistencia escolar etc.

Ha, porém, um outro ponto de vista que eu quero frisar, de preferencia, na acção que todos podemos ter no processo educativo geral.

Raras são as pessoas que não vivem em contacto com creanças e na sua convivencia com ellas todas podem realizar sobre as suas pequeninas almas uma acção educativa e portanto uma acção renovadora.

Dentro da familia todos os que têm ascen-



A THEREZINHA

1.º premio do traje regional na Parada Agrícola



dente sobre as creanças e principalmente as mães, podem exercer uma influencia decisiva sobre o seu character e até sobre a sua intelligencia.

E sendo assim, todos os que tenham um desejo sincero do bem do seu paiz, da renovação da sua vida social, têm o dever simples e elementar de aproveitar esse poder de educação que possuem sobre as creanças com que estão em contacto, para lhes formarem *novas* almas, que possam construir uma *patria nova*.

Para isso, porem, é preciso pôr de lado os velhos processos rotineinos, atrasados, irrationaes, com que nós proprios fomos educados.

Que cada um dedique alguns momentos de ocio a estudar em livros são e bem orientados os melhores processos de educar, que pense sobre elles e os applique, sempre com a noção de que cada creança é uma individualidade exigindo um determinado processo educativo.

As mães portuguezas têm, por exemplo, um optimo guia no magnifico livro de D. Virginia de Castro e Almeida: *Como devemos crear e educar nossos filhos*.

Esse livro feito pelas mãos carinhosas e delicadas de uma mulher, mãe e educadora, é adoravel pela sua forma luminosamente clara, e pela sua orientação rasgadamente moderna e impeccavelmente sã. E' um livro que todas as familias deviam possuir, orientando-se pelos seus principios.

Lendo livros de educação, emancipando-nos dos velhos processos que nos atrophiam a iniciativa e a liberdade de pensar, tolhendo-nos a intelligencia dentro da imitação e a vontade dentro de um acanhamento estagnante, applicando os modernos systemas de educar, na nossa convivencia com as creanças, todos podemos contribuir para o grande problema da renovação da nossa terra.

E esse encargo pesa com mais força sobre os paes que têm a grave responsabilidade da formação da alma dos filhos, que será de ordinario boa ou má, conforme fôr bom ou mau o seu systema de educação.

E assim, se todos sincera e honestamente

quizessemos contribuir para a nossa transformação social, não para uma simples mudança de nomes, de fardas, de etiquetas mas para uma renovação profunda: o *dever de educar*, para formar a *alma nova* de uma *patria nova*, appareceria a todos: claro, simples e imperioso.

J. B.

## Cartas á minha vizinha

### X

*A Vizinha vestida d Minhoto. — Como o seu traje a tornava mais bella, mais natural e mais graciosa. — A belleza do traje minhoto e como elle se harmonisa com a vida e a paizagem da nossa terra e com a alma do nosso povo. — O culto das tradições locais. — Suas vantagens. — O regionalismo na Bretanha. — Um congresso curioso em Saint-Pol-de Leon. — O poeta Mistral e o traje Arlesiano. — Necessidade de conservar o vestuario Minhoto. — De como a Vizinha pode ajudar o regionalismo. — A Parada Agricola e porque ella nos commoveu.*

### Vizinha:

Vouloir ruiner l'idée de la petite patrie, c'est par cela même attenter à la grande.

LACARRE.

TIVE uma grande alegria, querida Vizinha, quando a vi, e ás suas companheiras, vestidas á moda do Minho, no dia da Parada Agricola.

Não imagina como ia encantadora, Vizinha!

Como esse traje que tem todo o brilho, toda a doçura, toda a fina delicadeza da nossa paizagem, lhe ficava bem!

Não sei porque, mas vi-a diferente, com mais doçura e mais alegria nos seus olhos claros, com mais saude e com mais sangue sob a sua pelle morena, com mais garbo, com mais graça e com mais simplicidade! Senti-a mais nossa, mais da nossa terra, hoje que quasi todos somos uns extranhos dentro d'ella!

Creia, Vizinha, vi-a *mais de si propria*, mais natural, com a graça espontanea do trevo dos nossos campos, ou do rosmaninho dos nossos montes; e até nos seus olhos parecia haver um pouco da luz vibrante do nosso sol, quando alaga de claridade o verde escuro dos milheiraes.

Esse vestuario alegre, harmonioso, pittoresco, lembrava-me a saude, a alegria, que é a saude da alma, do nosso povo. As suas côres garridas evocavam-me descantes de romaria, danças das esfolhadas, o bulcio vivo das feiras, o movimento alegre das vindimas!

A côr levemente escura da saia que trazia, a suavisar o brilho vistoso do lenço traçado sobre o peito, com os seus quatro cordões de ouro, era como a barra sombria dos pinheiraes que amortece o verde vivo dos nossos campos.

E a graça ingenua do seu colletinho bordado, a nevada brancura da sua camisa aos folhos, lembravam-me a clara simplicidade do nosso povo, boa como o brando cantar das nossas fontes, como o manso correr dos nossos rios, como o ar lavado e agreste dos nossos montes.

Era adoravel, Vizinha!

Mas não creia, minha encantadora amiga, que, vestindo o traje da nossa terra, praticou apenas o acto frivolo de se enfeitar.

Não, Vizinha. Talvez sem dar por isso fez mais, fez alguma coisa muito mais nobre e muito mais bella.

\*

Nos paizes cultos procura-se piedosamente conservar e não deixar perder tudo o que forma a *feição propria* e espontaneamente original de cada região: *a lingua, a arte, os costumes e o traje*. — Porque, Vizinha, a diversidade de aspectos de um paiz e a conservação das suas tradições, o torna mais interessante, mais bello, mais pittoresco e a sua arte é sempre mais variada, mais espontanea, mais original; os extranhos apreciavam-no mais e mais o procuram.

Mas, o maior alcance do regionalismo, minha adoravel amiga, é fortalecer o amor pela *pequena patria* que cada um deve ter na sua terra, tornando querido como reliquias tudo o que é *d'ella*, o que n'ella espontanea-



#### AS FESTAS DAS CRUZES

Ainda a passagem do cortejo agricola, na rua do Infante D. Henrique.

mente nasceu e a torna diferente das outras.

E' fazer com que todos se sintam presos á sua terra pelo que ella tem de *especial*, de *proprio* e que as outras lhes não podem dar.

E' ao mesmo tempo um sentimento de força e de estimulo, incitando todos a que trabalhem, que se interessem, por esse pedaço da grande patria que cada um sente mais seu e onde tem uma parte do seu coração porque se habituou a ama-lo.

Assim se faz, Vizinha, na Provença e na Bretanha.

Ha tempos. n'esta provincia, houve um interessantissimo congresso regionalista, em Saint-Pol-de Leon.

Tudo o que interessava á Bretanha e o que ella tinha de curioso, foi apreciado e exhibido n'esse congresso.

Representaram-se peças em dialecto-breton, resurgiram velhas danças e cantares regionaes, antigos costumes da Bretanha.

Discutiram-se as questões mais importantes para a economia da região: a crise da



pesca da sardinha, o resurgimento da industria de rendas.

«Mas, diz o jornal francez onde li a descripção d'esse congresso, as festas mais originaes foram aquellas em que se reuniram, com os seus vestuarios locaes, habitantes de toda a provincia. Là se ostentou toda a arte ingenua d'esses trajes tão pittorescos cuja tradição acabaria por se perder desastradamente, se festas d'esse genero a não conservassem».

Pois, Vizinha, n'essas festas eram as senhoras e homens da burguezia e da nobreza os primeiros a vestir os trajes da provincia. E, vendo o apreço que elles lhes ligavam, a gente do povo começou a ter mais amor ao seu vestuario original, a conserva-lo com mais cuidado e a não o trocar pela roupa incharacteristica e cosmopolita que principiava a adoptar.

Foi tambem para conservar o lindo traje das Arlesianas que o grande poeta Mistral organisou as esplendidas festas (*festo virginenco*), onde todas as raparigas da região

de Arles concorrem com o antigo fato do seu paiz.

\*

E diga-me, Vizinha, não seria uma pena que esse lindo traje minhoto, differente de terra para terra mas sempre interessante e caracteristico, incontestavelmente um dos mais bellos da Europa, dos mais adaptados á sua região, se perdesse, se trocasse por essa roupa sem arte, sem originalidade, sem *caracter* que é de todas as terras e que a final não é de nenhuma?

Não é uma dôr de alma que hoje as nossas raparigas do povo já mal conheçam o *seu traje*, o vestuario de Barcellos, que é tão delicado, tão harmonioso e que é difficil já reconstituir, tão abandonado, tão esquecido anda?!

E no emtanto, Vizinha, diga-me que linda não ia a Therezinha quando alcançou o primeiro premio, dado na festa da Parada Agrícola á rapariga que se apresentasse vestida com mais rigor e com mais graça, á moda de Barcellos?

O seu traje não tinha a exuberancia prolixa de côres que fere um pouco no celebre vestuario da Areosa; era mais grave, menos espalhafatoso, mais delicado e tinha para nós o supremo encanto de ser o traje da nossa terra.

Conservemo-lo portanto com um amoroso cuidado e a Vizinha e as suas companheiras, vestindo-o nas festas regionaes, como as senhoras da Bretanha e da Provença, podem auxiliar muito essa obra santa de conservação, mostrando ás raparigas do nosso povo o apreço e o respeito que têm por elle e que ellas devem sentir tambem.

E assim a Vizinha associa-se á execução de uma nobre e santa ideia: o regionalismo. A ideia de fortalecer e tornar intelligente e productivo, o amor que todos sentimos pela *pequena patria* que é a terra onde nascemos e que, sendo intelligente e são, nos ensinará a amar melhor a *grande patria* de todos os portuguezes.

A nossa grande e desgraçada patria!!

Se todos amassem bem e fortemente a sua terra, não haveria este desanimo, este abandono inconsciente da propria personalidade, que faz de nós estrangeiros, dentro da pro-



AS FESTAS DAS CRUZES

Mais um aspecto do cortejo agrícola, na sua passagem pela rua do Infante D. Henrique.

pria patria. Que torna a grande massa da nação: incaracteristica, sem feição accentuadamente sua, oscillando á mercê da imitação do que *nos vem de fóra*.

\*

Ora, Vizinha, esse grande amor pela nossa terra, que nós os portuguezes precisamos de tornar forte, intelligente e productivo, accentua-se e revela-se no culto piedoso das velhas tradições, pela conservação da *individualidade local*, em tudo que não seja exclusivismo ou rotina.

Por isso, Vizinha, a Parada Agricola foi uma grande e elevada festa e traduziu uma bella e nobre ideia.

E quando ella passou com os seus carros em que se ostentava ao claro sol de maio, sob uma gloriosa benção de luz, o trabalho, a arte, o vestuario, a vibrante alegria minhota e a dignificação do seu povo, eu, a Vizinha, ia a dizer todos nós, sentiamos os olhos marejados de lagrimas.

E' que nessa festa ia um bocado da alma do Minho no que ella tem de mais bello, de mais saudavel, de mais original e com ella portanto um pouco da nossa alma.

Do seu Vizinho que hoje e sempre se confessa:

Importuno.



## Museu de vulgaridades

II

### O "pic-nic,,

As Lopes tinham combinado um *pic-nic* famoso para o domingo de Santa Luzia, na Serra do Pilar.

Com remotas semanas de antecedencia, convidaram as Bastos, as Machados, a D. Lucrecia e o primo cadete, — um parvosinho de bigode á *kaiser*, que usava espartilho e pintava as sobranceiras a *nankin*.

Para a conducção das viandas, inspiradas pelo *Manual do Cosinheiro* e sabiamente preparadas pela menina Lopes *ainée*, foi pe-



AS FESTAS DAS CRUZES

Mais outro aspecto do cortejo agricola, na sua passagem pela rua do Infante D. Henrique.

dido de emprestimo o grande açafate em que a visinha arrecadava a roupa suja e onde, na vespera do grande dia, as interessantes donzellas accomodaram o pastelão de presunto, os bolinhos de bacalhau, a gallinha assada e os demais petiscos que deviam constituir a merenda, não esquecendo, cuidadosamente embrulhados, entre os pepinos para a salada e um aromatico *pudding* de laranjas, as chinellas do papá, que padecia dos callos e não podia supportar as apertadas botas em que a amplitude das suas plantas se confrangia e torturava.

Chegada a manhã historica do domingo de Santa Luzia, as manas Lopes, que não tinham pregado olho em toda a noite, a pensar nas lindas coisas que iriam ouvir ao primo cadete, deram começo, numa tempestade de ralhos e disputas, á sua *toilette* festiva, por entre verdadeiras batalhas, em que se procurava esclarecer quem deveria levar o *bolero* côr de rosa ou o lacinho de renda comprado pelo papá em dia de annos.

Por fim, tudo se poz em marcha, a cami-



## QUADRAS DO NOSSO POVO

nho da ponte, onde os convidados se lhes deviam aggregar. A' frente, ia a creadita, uma rubicunda moçoila de aldeia, ajóujada ao pezo do grande cesto, onde uma das manas, á ultima hora, insistira em introduzir uma cadeira de viagem, — não fôsse a mamã querer dormir um somno depois de comer. Atraz, logo a seguir ao cesto merendeiro, marchava o papá Lopes, com toda a sua gravidade de amanuense das obras publicas, comboiando a metade da sua cara, uma gorda matrona muito atreita a flatos e ataques de bruxaria. Fechavam o cortejo as tres manas, vestidas, respectivamente, de amarello, verde e azul celeste, o que lhes dava a apparencia, vistas ao longe, de um pavilhão extravagante d'alguma tribu de selvagens.

Na ponte, houve uma trovoada de beijos e exclamações jubilosas. Era a D. Lucrecia, que, como sempre que se tratava de comer á custa dos outros, já ali estava, com o seu vestido preto, constellado de vidrilhos, reliquia veneranda que ella mandava virar e tingir, inalteravelmente, no principio de cada estação.

Mais tarde, quando as Lopes já começavam a impacientar-se, appareceram as Machados e logo a seguir as Bastos, acompanhados pelo cadete, que vinha á paisana, o que fez desesperar as senhoras, pois achavam que a farda lhe ficava «mesmo a matar».

—Como uma luva! — como dizia a mais nova das Lopes, quando olhava para as formas rotundas do primo, comprimidas no brim do fardamento.

Installada na serra a caravana festiva, as senhoras edosas encetaram os preparativos para a merenda. Entretanto, as encantadoras donzellas, para se darem ares de meninas poeticas, foram colher flores, num bucolismo de comparsas em opereta de terceira ordem, enquanto a D. Lucrecia, com um sorriso lamecha na escancelada bocca, onde bailavam dentes postiços, recordava, enviando o olhar para as serigaitas aos pinchos' por entre os calhaus da serra:

—Eu tambem já fui assim . . . Eu tambem já fui assim!

Como se ella, tão velha, pudesse ainda

*Não quizestes ser perpetua  
Sendo eu amor-perfeito;  
Quizestes ser malmequer,  
Martyrio d'este meu peito.*

\*

*Fui ao jardim do teu peito  
Para buscar uma flor.  
Não achei amor-perfeito,  
Que não ha perfeito amor.*

\*

*Tendes o cravo na bocca  
Com a raiz na garganta.  
Quem vol-o tirára a beijos  
A' hora que o gallo canta!*

\*

*Eu sou cravo e tu és rosa;  
Qual de nós valerá mais?  
O cravo nasce á janella,  
A rosa pelos quintaes.*

\*

*Rosa branca, toma côr,  
Não seas tão descórada:  
Que aonde chega a vermelha,  
A branca não vale nada.*

---

lembrar-se de que fôra nova!

Finalmente, o cesto dos petiscos começou a esvasiar-se sobre uma grande toalha, onde logo um pardal irreverente dispoz uma substancia que positivamente não figurava no *menu* e que escandalizou os convivas, fazendo corar o cadete, muito compromettido por ver o papá Lopes em mangas de camisa e não poder imita-lo, porque o raio da lavadeira não tinha apparecido a tempo.

A pescada frita surgiu, enfim, sobre a maculada toalha e logo o repasto começou, por entre gargalhadinhas histericas das virtuosas meninas e severos beliscões das mamãs austeras na petizada filial, que, em impetos famelicos, ameaçava invadir com as mãos de limpeza duvidosa os pratos das viandas.

De subito, um Ah! desolado irrompeu dos commensaes: as Lopes tinham esquecido os copos! Mas logo o papá Machado, antigo frequentador de tabernas suspeitas, declarou que não

havia inconveniente, pois se beberia pelo garrafão, — o que dava até um *certo sainete á pinga*.

E o garrafão correu, dos labios sarapintados da D. Lucrecia até á bocarra mal cheirosa do papá Lopes, com grande aprazimento da selecta concorrência, que achava aquillo muito engraçado, muito pittoresco.

Mais tarde, quando o *puding* de laranja appareceu, houve uma nova decepção, que fez desmaiar uma das Bastos. Foi o caso que as pantufas do papá Lopes, libertas do pedaço de jornal que as envolvia, tinham conseguido expulsar o doce do seu lindo prato enfeitado com rosas artificiaes e appareciam aos olhos estaticos dos convivas mergulhadas, voluptuosamente, em banho Maria.

O incidente serviu ao cadete para bordar quatro chalaças imbecis, a que as meninas acharam muito espirito, mas que não agradaram a *Madame* Lopes, muito afflicta com o seu eterno flato e arrotando á salada de pepino, que, na sua opinião, lhe tinha desenvolvido os gazes.

A D. Lucrecia, que só á sua conta esgotara uma garrafa inteira de vinho do Porto, entregara-se, por fim, a um edylio silencioso com o cadete, que a classificava, em conversas obscenas com os amigos — uma peixão. A ardente senhora chegou mesmo a apoiar a frente no hombro do seu marcial amado e ter-lhe-hia por certo beijado a lampinha face se uma das Machados lhe não dissesse, com risinho impregnado de veneno :

—A D. Lucrecia parece que está apaixonada! . . .

E logo a mamã da indiscreta menina accudiu, com ar de reprimenda :

—Estás tola, Fifi! Isso são coisas que se digam? Não vês que a D. Lucrecia conhece-o desde pequenino? Andou com elle ao colo!

D. Lucrecia corou, magoada por aquelle depoimento, que certificava a sua maturidade. Rectificou, forçando o rosto pergaminhado a esgar de impotente *coquetterie*.

—Ao colo não! Credo! Quando o conheci já era espigadote.

Por fim, como o flato da mamã Lopes continuasse a alarmar, com os seus rugidos, a



AS FESTAS DAS CRUZES

O carro de Barcelinhos na marcha luminosa, que muito agradou.

artilharia da Serra, deu-se por terminado o *pic-nic* e tudo se poz em marcha para a cidade, as Machados muito contrariadas com «aquelle escandalo da D. Lucrecia, sempre a agarrar-se ao cadete», e as Bastos anciosas por chegarem a casa, — «para comerem alguma coisa, porque quem não tem dinheiro para merendas não convida os outros.»

O papá Lopes, desesperado com os callos, quiz bater numa das filhas, por a ter encontrado a beijocar o soldado quando se faziam os preparativos para o regresso. Em face do escandalo, a D. Lucrecia houve por bem ter — ataque de nervos, que as Machados logo classificaram, batendo no cotovelo: —Ciumes! O ciume é que faz aquillo.

A D. Lucrecia ainda hoje falla com saudade no *pic-nic* famoso d'esse domingo de Santa Luzia.

—Aquillo é que foi gosar! . . . E que rapaz tão gentil, aquelle cadete!

E põe os olhos em alvo, a velhota.

Porto.

SIMÕES DE CASTRO.



## Chronica ligeira

**Z**ARDES sombrias d'um maio triste e chuvoso, frio e por vezes d'aspecto horrido no tumultuar de verdadeiras tempestades. Uma contradição ou negação completa do que devia ser a mimosa quadra que atravessamos, a que os francezes chamam *la belle saison*, mas que n'este anno, se tambem por lá, muito ao contrario dos pujantes brilhos d'uma alegria penetrante e doce, tem havido a feição asperrima do coração do inverno, bem a teriam apodado de *hideuse* e, realmente, bem medonha e terrivel, que ainda agora me obriga a escrever de pés abafados em pesado *couvre-pieds*, como se fôra dezembro puro, a lembrar, com Sá de Miranda, que

«treme o frio em cada membro  
se cogito, se me lembro  
No que lá por fóra vae.»

Mas, leitor amigo, não foi positivamente para chorar contigo a deploravel invernada do tempo, que eu te vim fallar das *tardes sombrias d'um maio triste e chuvoso*.

E' que por taes tardes impressivas, quando a pobre luz pardacenta, que densas nuvens coavam, ia quasi a perder-se no seio escuro da noite (que nem sequer tinha o raio de que fallava o João Franco) n'uma composição inteiramente harmonisada com o aspecto desolador do tempo, eu via passar grupos de pessoas, em que mais avultava o elemento feminino. Via-os passar, contra costume e dando ao quadro, já de si tão tristonho e arrepiante pela chuva e pelo vento e demais partes d'esse atroz cortejo em que roda sinistro o carro formidando do vendaval em furia, n'uma expressão de magoa e susto, das que mais indelevelmente se imprimem e para sempre vivem.

Eis porque eu fallo das *tardes sombrias d'um maio triste e chuvoso*. E' porque ellas me lembram ainda e mais, por eu ter d'ocupar-me d'esses romeiros que caminhavam, ante a pavidéz aterradora dos incertos mas temidos perigos do implacavel cometa de Halley, para a igreja do Senhor da Cruz, a

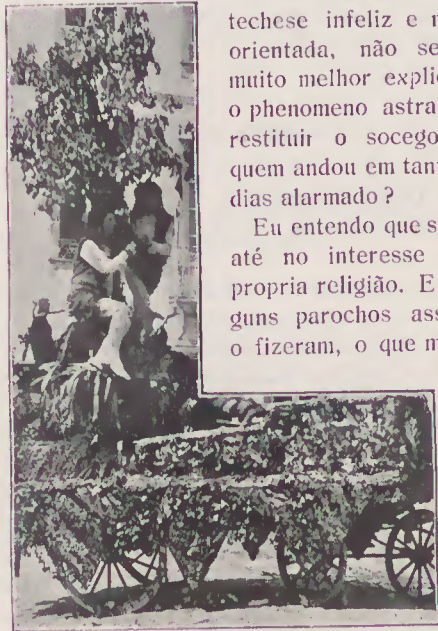
prosternarem-se aos pés da imagem veneranda do milagroso padroeiro, para que ella os livrasse d'esse tremendo acervo de coisas inauditas, que não sabiam explicar, mas deviam acontecer, quando o famoso vagabundo das regiões sideraes ousasse interpor-se entre o sol e o misero planeta em que habitamos. Então é que *ellas* iam ser!

—Ai! O cometa! E ante esta palavra a que não ligavam uma ideia precisa, ficava tudo esmagado. O que succederia não sabiam nem mesmo tratavam de conhecer. Ia acontecer e era o bastante. Em tal estado d'espírito só o templo era o abrigo e a oração o refugio. E o que é certo é que um tal ou qual tresvairamento ia lavrando com insistencia, chegando mesmo a fazer estragos de maior. Cá na viila não tanto, mas dizem-me que pelo concelho algumas lamentaveis occorrencias tiveram logar.

Ora, dada esta tendencia do povo para se acolher ao seio da igreja em face da perspectiva de sonhados desastres, não deveria o clero aproveitar o ensejo para esclarecer a ignorancia e dar robustez aos animos?

Em vez de muita catechese infeliz e mal orientada, não seria muito melhor explicar o phenomeno astral e restituir o socego a quem andou em tantos dias alarmado?

Eu entendo que sim, até no interesse da propria religião. E alguns parochos assim o fizeram, o que mui-



AS FESTAS DAS CRUZES

O carro - Adão e Eva no Paraizo - opresentado pelo snr. Francisco Pereira Marins, que realisou um pensamento feliz.

to os honra. Mas não deveríamos só lembrarmo-nos de Santa Barbara quando troveja. Os parochos tem de fazer a sua pratica aos freguezes ?

Pois bem : n'ella incluam ensinamentos praticos da vida e ensinem noções geraes, de tudo quanto possa influir no espirito e no caracter do povo.

Assim ir-se-ia evitando muito desatino e não haveria agora, a respeito da passagem do Halley a grande serie de tolices que para ahi houve.

Afinal o cometa passou e de monstro s' lhe ficou a má fama com que fizeram precede-lo.

D'aqui a 75 annos voltará de novo e não me seria desagradavel saúda-lo no seu regresso, então já, decerto, sem que ninguem tivesse para com elle as prevenções de terror com que agora foi recebido.

Não me quererias acompanhar leitor amigo ? Oh se querias !... Ainda que tivéssemos de sentir mais agreste ainda a quadra que atravessamos e voltássemos a experimentar a dolorosa impressão das *tardes sombrias d'um maio triste e chuvoso*.

Até com a grave agitação que lavra no fôro, não é assim ?

M.

## A vida physica

*A sciencia e a tuberculose.*

*A tuberculose é uma chaga social.*

*Estatisticas diversas.*

*Meios de combater o contagio.*

*Reacção que lhe devemos oppôr.*

*E' necessario um curso especial de hygiene.*

A sciencia medica tem sido incansavel na lucta contra a tuberculose, grandes debates se têm ferido nos congressos, mil medicamentos se tem proposto ; têm-se construido hospitaes, sanatorios, dispensarios, Pode dizer-se que tem sido tudo de balde. Apesar de se registar um ou outro caso curativo, o facto é que essa grande chaga, se alastra cada vez mais.

A tuberculose é a mais perniciosa das doenças contagiosas. Ataca todos os orgãos do corpo, mas de preferencia os pulmões. Não ha paiz algum onde não faça os seus estragos, não poupa nenhuma idade, profissão, ou classe social.

Na Allemanha mais de 100:000 pessoas morrem annualmente. Avalia-se n'um milhão, o total de pessoas attingidas,

Na Belgica avalia-se o numero de tuberculosos em 180:000, dos quaes morrem annualmente 18:600.

Em França o numero de victimas annuaes, regula por 150:000, cabendo a Paris cerca da quarta parte.

Segundo alguns medicos francezes, a quarta parte das pessoas que têm succumbido com outras doenças, apresentam vestigios de tuberculose antiga.

Em Portugal o contingente ainda é relativamente maior; contam-se aos milhares as victimas annuaes.

A nossa capital, é uma das cidades em que o numero de obitos annuaes, apresenta uma percentagem mais elevada.

O boletim sanitario, diz-nos que a quarta parte dos individuos que morrem annualmente, são victimas da tuberculose.

Nas grandes cidades a pobreza e a miseria, a corrupção e o vicio, dominando em larga escala, favorecem em extremo esta doença.

Nos arredores de Paris e Londres, ha verdadeiras cidades de tuberculosos, como havia na *idade-media* cidades de leprosos. Pode dizer-se que é uma doença social, porque as condições da vida na sociedade favorecem o seu desenvolvimento no individuo, e o seu contagio na collectividade ; doença social, porque trabalha para minar e destruir as sociedades.

Devemos fazer-lhe todos, sem excepção, uma lucta tenaz, bem orientada e logica, porque ella representa um inimigo implacavel.

O principal trabalho deve ser o do hygienista, protegendo o individuo são e a collectividade sã.

Estamos em presença d'um inimigo implacavel e contudo é difficil prever quando poderemos organizar uma defesa efficaz e bas-



tante contra a tuberculose, defeza adaptavel ás exigencias da nossa civilisação. E' monstruoso que actualmente estejamos ainda á mercê do contagio, de toda e qualquer doença perigosa, pelo descuido inqualificavel que têm a maior parte dos convalescentes, de commetterem a cada passo, verdadeiros *attentados contra a saude publica*. E' horroroso que os doentes, que estão atacados muitas vezes d'uma doença mortal, de que se sabe poder dar-se o contagio pelos productos contidos na expectoração, tenham o direito de semear este contagio; e que as pessoas sãs que representam a força e o futuro, sejam forçadas a absorver todos os microbios, com o ar que respiram.

Representa um attentado perigosissimo e altamente nocivo, porque a elle devemos mais victimas, que a todas as guerras e crimes que se praticam.

E' extraordinario que n'um tempo em que se disserta sobre os direitos do homem, e sobre o preço da vida humana, se tolere, sem protestar, uma tal violação do mais incontestavel dos direitos.

O agente da tuberculose, é um microbio que foi descoberto pelo eminente sabio Robert Koch.

A temperatura mais favoravel ao seu desenvolvimento, é a do corpo humano. Espalha-se exteriormente, pelas expectorações dos doentes e pelo leite e carne dos animaes tuberculosos.

Poucos casos se dão de tuberculose congenita, havendo até medicos eminentes, que não o admittem; allegando que os descendentes de tuberculosos, são no geral rachiticos e, por essa razão, predispostos a serem atacados por contagio.

O bacillus pode penetrar no organismo, pelo ar que respiramos, pela alimentação, sobretudo com o leite não fervido; ás vezes mesmo com a carne de animaes tuberculosos, pelas feridas e quaesquer outras lesões nas mucosas ou pelle.

Nas creanças, a absorpção do bacillus, quasi sempre é seguida immediatamente de umas inflamações nos ganglios,

Nos adultos o contagio faz-se ordinariamente pela respiração, e manifesta-se principalmente pela tuberculose dos pulmões e

## Dos nossos poetas

### ODOR DI FEMINA

*Era austero e sizudo ; não havia  
Frade mais exemplar n'esse convento ;  
No seu cavado rôsto macilento  
Um poêma de lagrimas se lia.*

*Uma vez que na extensa livraria  
Folheava o triste um livro pardacento,  
Viram-no desmaiar, cahir do assento,  
Convulso, e tórvo sobre a lágea fria.*

*De que morrêra o venerando frade ?  
Em vão busco as origens da verdade,  
Ninguém m'a disse, explique-a quem puder*

*Consta que um bibliophilo comprára  
O livro estranho e que, ao abril-o, achára  
Uns dourados cabellos de mulher . . .*

(1) GONÇALVES CRESPO

(1) Auctor das Miniaturas e dos Nocturnos. — Os seus versos impecaveis sempre na forma, são rythmicos, docemente cadenciados, como harmoniosas phrases musicaes. — Muitas vezes têm a riqueza de côr, o relevo, a precisão de linhas de um quadro que a severa mão de Velasquez desenhasse. — Outras vezes são leves, delicados, finos, como uma aguarella. — Mas sempre plasticamente perfectos, de uma arte hellenica e pagã, cheia de luz, de som, de côr.

laringe. O bacillus ataca de preferencia os organismos pouco resistentes, embora ás vezes se nos depare o ataque nos individuos que aparentando grande vigor, são na realidade organismos debeis.

Ataca os organismos depauperados, por outras doenças, pela fadiga, vigílias, excessos de bebidas, excessos sensuaes, pelo facto de viverem em habitações insalubres. Todo o individuo são ou doente, deve fazer o possivel por aniquillar todos os germens, que possam ser expellidos nas suas expectorações; porque é impossivel á simples vista reconhecer se se trata d'um individuo tuber-

culoso ou não. Nos cafés, restaurantes, hotéis, comboios, vapores, collegios, casas particulares, estabelecimentos diversos, repartições publicas, nas ruas adjunctas aos mictorios, etc., etc., etc; deveriam ser obrigados a possuir o numero sufficiente de escarradores, com liquidos desinfectantes.

N'estas condições deveria ser multado todo o individuo, que expectorasse em qualquer pavimento.

O tuberculoso adeantado, deveria ser obrigado a usar um escarrador de algibeira, por exemplo como o modelo *Dettweiler*.

O lenço de mão não deve ser usado, para esse effeito, ou no caso de o ser é necessario desinfectal-o, por qualquer meio.

O tuberculoso devia merecer toda a nossa attenção; todo o individuo attingido devia ser isolado, e tratado nos sanatorios, ou dispensarios; os pobres tratavam-se gratuitamente e estabeleciam-se pensões ás familias necessitadas.

Era muito necessario na sociedade actual, um curso especial que encarasse a hygiene como deve.

E' preciso separar o hygienista do medico, porque devem ter um papel independente, para bem da saude publica.

Na Prussia votou-se, em 30 de junho de 1905, uma lei que prescrevia que todos os individuos attingidos de doenças contagiosas fossem isolados. Se não podessem ser isolados em casa, eram transportados para um hospital ou local apropriado. Na lista das doenças incluíram-se, alem d'outras, as exoticas como a peste e o cholera. O governo fez esforços para que os casos avançados da tuberculose fossem comprehendidos n'esta lei; mas a camara dos deputados oppoz-se não sei com que fundamento.

Era para desejar que entre nós se adoptassem medidas analogas.

L. M.

## Festa escolar em S. Bento

No dia 15 do passado mez de maio, foram inauguradas festivamente em S. Bento, uma caixa e uma bibliotheca escolar.

Devemos registar com o maior applauso esta interessante e utilissima iniciativa do digno professor de S. Bento de que n'um dos proximos numeros nos occuparemos mais detidamente. Por agora limitamo-nos a saudar com a maior sympathy o digno professor e o seu bello e criterioso esforço, em favor de tão uteis e infelizmente entre nós tão raras instituições escolares e a appellar para todos os que se interessam pelo primacial problema da Escola, para que auxiliem essa bella obra de que o professor de S. Bento lançou as bases.

## THEATRO GIL VICENTE

No domingo, 19 de junho, a Companhia Dramatica Lisbonense despede-se do nosso publico com uma chistosa comedia em 3 actos, de Aristides Abranches — a *Casa de Orates* — em beneficio dos actores Antonio Fernandes e Manoel Monteiro.

## Registo

### Recebemos e agradecemos:

— O numero 7 da revista forense *A Justiça*, que se publica em Lisboa, sendo seu director-gerente o sr. dr. José d'Alpoim Falcão.

— *Aqui d'El-rei*, replica do distincto jurisconsulto barcellense sr. conselheiro Sá Carneiro, na acção que contra a Camara Municipal de Barcellos move o sr. Antonio Lopes Leal, da Pousa.

— O n.º 65 da *Arte*, referente ao mez de maio e que, como os anteriores, é primoroso.

### Anniversarios:

— Entrou no 3.º anno de publicação, o nosso presado collega de Vianna do Castello, *O Povo*, a quem felicitamos.

— O *Regenerador-Liberal*, semanario de esta localidade, tambem ha dias completou um anno após o seu reaparecimento, motivo por que o felicitamos.

— Tambem cumprimentamos o *Famalicense*, semanario de Famalicão, pela sua entrada no 3º anno de vida jornalística.